

## CAPÍTULO 19

### **LETRAMENTO DIGITAL: A IMPORTÂNCIA DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TDIC) NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA**

**Vitor de Lima Gonçalves**

Especialista em Arte na Educação: Dança, Música e Teatro pelo Centro Universitário FAVENI (UNIFAVENI); tem Licenciatura em Letras e Literatura da Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM);  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4856600171493473>

---

#### **RESUMO**

O presente artigo aborda a importância do letramento digital e sua aplicação no ensino de Língua Portuguesa. A literatura destaca a necessidade de uma abordagem que integra o letramento tradicional com o digital, considerando a realidade dos alunos nascidos na geração Z. A utilização de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) é apresentada como uma ferramenta libertadora para o ensino e compartilhamento de conhecimento. Além disso, o artigo destaca a importância do letramento como um processo que envolve a compreensão do texto e sua relação com a realidade do aluno, além de sua capacidade de reflexão e ação crítica. A proposta de abordagem visa desenvolver habilidades como a análise de textos, a compreensão de gêneros textuais e discursivos, e a capacidade de produzir textos de forma criativa e significativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Letramento digital, Ensino de Língua Portuguesa, Geração Z, Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), Compreensão textual, Gêneros textuais e discursivos, produção textual criativa e significativa.

#### **INTRODUÇÃO**

Este artigo representa um desdobramento do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura em Letras e Literatura da Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Como professor especializado em Arte na Educação, reconheço a importância dos teóricos discutidos durante minha formação, especialmente no que diz respeito ao ensino da Língua Portuguesa e ao letramento contemporâneo.

A proposta deste artigo é contribuir para a formação de outros educadores e profissionais da educação, abordando a interseção entre letramento digital e o ensino de Língua Portuguesa. A literatura acadêmica destaca a necessidade de integrar o letramento tradicional com o digital, considerando as realidades dos alunos da geração Z, que estão imersos em um ambiente repleto de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC).

Os teóricos que embasam esta pesquisa, como Magda Soares, Cosson, e outros, fornecem um suporte teórico fundamental para a compreensão das práticas de letramento e alfabetização, além de suas implicações sociais e culturais. Através deste artigo, busco não apenas refletir sobre as dificuldades enfrentadas por alunos em relação à leitura e interpretação de textos, mas também propor abordagens que integrem o uso de ferramentas digitais no processo de ensino-aprendizagem.

Acredita-se que a compreensão do letramento, em suas múltiplas facetas, é crucial para a formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de navegar e interpretar a complexidade do mundo contemporâneo. Portanto, este trabalho visa não apenas discutir teorias, mas também oferecer práticas pedagógicas que possam ser aplicadas em sala de aula, promovendo um ensino mais significativo e contextualizado.

Segundo a pesquisa do Instituto Nacional Alfabetismo Funcional - INAF 2018<sup>1</sup>, dentre 10 brasileiros, três são analfabetos funcionais, ou seja, possuem dificuldades para compreender o que leem, e conseqüentemente apresentam problemas na escrita. É notório que, durante o processo de passagem do aluno da série de anos iniciais para os anos finais, apresentem dificuldade, pois eles já deveriam mostrar domínio sobre a leitura e a interpretação de texto, pois passaram pelo processo de alfabetização no ensino infantil, mas, na prática, isso não acontece.

Em entrevista, o escritor de literatura Pedro Bandeira<sup>2</sup> afirmava que os adultos, em sua maioria, não conseguem compreender textos de prosa curtos, imagine ler para uma criança uma história, um conto. Segundo ele, é quase impossível. Esses mesmos adultos passam então esse papel à escola, para que a instituição tenha o dever de fazer esse contato com as crianças. Ficando pesado para a instituição fazer esse processo que seria da família. Logo, se a criança não é introduzida na leitura, a contação de histórias oralizadas, vê exemplos de seus familiares lendo, quando crescerem não gostarão de leitura, ou melhor, não terão fruição e compreensão do que leem. Dá-se então a um círculo vicioso, que passa de pai para filho.

---

<sup>1</sup> Leia o document completo em: <[http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018\\_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares\\_v08Ago2018.pdf](http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Inaf2018_Relat%C3%B3rio-Resultados-Preliminares_v08Ago2018.pdf)>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

<sup>2</sup> Leia a notícia completa em: <<https://tribunademinas.com.br/colunas/sala-de-leitura/10-10-2017/pedro-bandeira-crianca-que-nao-gosta-de-ler-e-porque-nao-foi-introduzida-na-leitura.html>>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

A pergunta a ser feita é ‘os pais são analfabetos?’, ou, ‘não foram introduzidos anteriormente?’, ou ainda, ‘não têm muito tempo para fazer essa introdução, pois estão envolvidos com jornadas e deslocamentos enormes para trabalhar?’

Durante a pesquisa, os referentes teóricos, COSSON (2018), DALVI (2013), SOARES (2012), BRAGA (2005), os documentos OCEM (2006) e a BNCC (2018), nos darão norte para sanar a problemática de alunos que apresentam defasagem no ensino, problemas familiares, psíquicos, sociais entre outros. Não somente isso, mas a realidade do mundo virtual no seu cotidiano, compreender como esse aluno consegue entender textos midiáticos de redes sociais, mas mostram dificuldade em interpretar textos impressos na escola.

Para tanto, o artigo fornecerá uma ideia geral sobre alfabetização e letramento, suas ações e diferenças no ensino. Após esse aparato de relação, entraremos nos assuntos específicos como o letramento literário e, por fim, o letramento digital, e com ele a compreensão das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) no ensino de Língua Portuguesa em sala de aula. Para defender a importância da leitura integral, as ferramentas digitais e novos gêneros digitais em sala de aula, por meio dos teóricos do letramento, por Magda Soares. Vamos embarcar no sentido de entender morfologicamente a palavra e como conceituar, nos levando à compreensão do letramento e à alfabetização.

## **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.**

Muito se fala sobre letramento e alfabetização, hoje são termos e conceitos primordiais na educação básica. É a partir dessas práticas no ensino formal que podemos ter crianças, jovens e adultos que podem fazer as coisas mais simples e básicas, também, viver em sociedade. Elas são: exercer seus direitos e cumprir seus deveres, ser ouvido, ter voz, direito à informação, o direito de votar, fazer compras, receber salário, criar filhos, etc. Tudo está relacionado às práticas de alfabetização e o letramento. Apesar de parecer uma única coisa, os dois termos têm conceitos, práticas e ações diferentes.

Para nos ajudar a entender e compor essa linha de raciocínio, trazemos a obra ‘Letramento: um tema em três gêneros’ de Magda Soares. Ela afirma que a alfabetização, ou pessoa alfabetizada, é “aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever” (Soares, 2012, p.19), que esse indivíduo, para ser considerado alfabetizado, primeiro codifica/decodifica a sua língua, seu idioma. Para haver a codificação, existem as práticas de associar um som a um símbolo, entendido como as letras, e que a junção de vogais e consoantes forma sílabas, as sílabas formam novos sons, e juntando sílabas com outras sílabas, formam palavras, e juntando palavras formamos frases e orações, e a partir disso montamos textos, seja ele em prosa, versos, verbal e não verbal.

Segundo Vera Teixeira de Aguiar, em seu artigo intitulado ‘O saldo da leitura’, um texto muito conhecido, nos diz que “leitura é a atividade de

decodificação de um texto, de percepção e interpretação dos sinais que se apresentam de forma ordenada, guardando entre si associação de sentido" (Dalvi, 2013, p.153). Se leitura para ela é decodificar e associação de sentido, duas ações em seqüências, logo, o ato de alfabetizar ainda não contemplaria todos esses deveres, deveres esses que são o objetivo primordial de um indivíduo que entende os códigos da língua e a partir disso criar sentido quando fizesse o ato da leitura. Voltamos ao que já foi apresentado anteriormente, números alarmantes de adolescentes que saem do ensino fundamental, anos iniciais e chegam nos anos finais, médio e até o ensino superior sem saber ler, ou melhor, sem criar sentido no que tange ao processo da leitura.

aprender a ler e escrever significa adquirir uma tecnologia, a decodificar em língua escrita e de decodificar a língua escrita; apropriar-se da escrita é tornar a escrita "própria", ou seja, é assumi-la como sua "propriedade. (SOARES, 2012, p. 39)

Com os estudos avançados sobre a prática de alfabetização, buscou-se sanar as dificuldades apresentadas por alunos que passavam pela alfabetização, codificavam as letras, mas não entendiam o significado das palavras, ainda não fazia sentido quando faziam o processo de ler.

Com novas práticas do ensino de leitura, mostrou-se necessário um termo para essa nova ação, o termo 'letramento'. As primeiras aparições do termo em livros de estudos eram com outro sentido, com o mesmo sentido de 'soletrar'. Somente em 1986 houve a aparição da palavra 'letramento' com o sentido que temos hoje. Saiba mais sobre a história do termo letramento no texto publicado no periódico "Presença Pedagógicas", v. 2, n. 10, jul/ago. 1996, na seção "Dicionário crítico da educação".

Se a alfabetização é o indivíduo saber decodificar a língua, conhecendo as letras, sons, a morfologia, as regras da língua, então o que seria letramento? Antes de entrarmos no sentido da palavra letramento, precisamos entender o que se esperava do indivíduo alfabetizado, segundo DALVI (2013, p. 154) "os textos diferenciam-se muito entre si, (...) podem ser descritivos, explicativos, justificativos, prescritivos, conceituais, teorizadores, apelativos, etc.", o que a alfabetização não conseguiu sanar foi a presença dos diferentes tipos textuais no dia-a-dia do aluno, que os textos são heterogêneos, múltiplos e que esse aluno teria que ser capaz de entender sua língua e os códigos dela nesses textos, que fizessem sentido, pois são práticas sociais. Vera Teixeira de Aguiar continua dizendo que, "o texto como todo e qualquer objeto cultural, seja verbal ou não(...) Por tanto, música, pintura, cinema, televisão e tantos outros partilham da qualidade de textos" tudo o que expressa sentido, emite mensagens, seja ela as múltiplas linguagens, são considerados texto. A alfabetização tentou trazer essa compreensão pelas práticas já mencionadas, mas não obteve êxito.

(...) a pessoa letrada já não é a mesma que era quando alfabetada ou iletrada, ela passa a ter um outra condição social e cultural (...) de mudar seu lugar social, seu modo de viver em sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente. (SOARES, 2012, p. 37)

Entramos então, na prática do letramento, Magda Soares nos mostra o contraponto da alfabetização, enquanto uma estava no processo de ensino dos códigos da língua, o letramento está na prática da percepção de mundo, um olhar para o social, a leitura das situações e não somente das palavras. Roxane Rojo parafraseia o trabalho de pesquisa de Scribner e Cole mostrando formas de avaliar os processos de letramento e define três contextos importantes para a formação do indivíduo. Afirmam que: “Começa-se a reconhecer processos e práticas diferenciados entre diversas agências de letramento (família, igreja, escola, sindicatos, etc.)” (Soares, 2012, p. 102).

Conhecimentos que partem de três contextos, o primeiro da esfera familiar, onde esse indivíduo tem suas primeiras impressões de mundo, modo como deve agir com as pessoas, ela é letrada na forma em que é sua criação familiar. As crenças também estão presentes no letramento, Scribner e Cole citam a ‘igreja’, mas podemos substituir por crenças ou/e religião. Esse aluno traz consigo suas crenças e fé, é um tipo de letramento e forma de ver o mundo e a sociedade. A terceira é a institucional, a escola, onde é seu terceiro contato, onde está presente uma educação formal de formação academicista de conhecimentos em geral. É na escola que são apresentadas e oportunizadas as disciplinas do currículo escolar.

Letramento é quando o aluno compreende o que ler, mesmo que sejam em tipos textuais diferentes, consegue compreender, como se organizam, e reconhecem a história e o conteúdo apresentado. Falar de letramento é também o olhar para fora do texto, a partir do olhar de fora temos a interpretação de texto, o aluno consegue comparar com sua realidade, entender outras histórias, contextos diferentes, aí vem a fruição e a catarse, as competências do texto na disciplina de Língua Portuguesa, segundo a BNCC.

Quando falamos das múltiplas formas de manifestação textuais presentes no mundo, estamos falando de letramento, trazer a compreensão desses textos a partir da associação e assimilação com sua realidade. É a partir do letramento que os alunos compreendem os múltiplos gêneros textuais e discursivos presentes na língua. As práticas de leitura são sociais, entendem os gêneros textuais que o cercam, como: gênero lírico, gênero épico, gênero dramático, etc.

Segundo DALVI (2012, p.156) “o prazer maior seja nos descobrirmos capazes de descobrir, porque o grande saldo da arte é o de desvelar ao homem sua própria humanidade”. O letramento está relacionado à reflexão, o aluno, quando compreende o que lê, pode refletir sobre suas ações e condutas em sociedade. A partir da reflexão, ele vai trazer o olhar de fora

para dentro do texto conhecido como interpretação, ele assimilará ou trará comparação, buscando, a partir dessa prática, novas ações para a mudança de sua esfera social. Por meio da reflexão e ação, será um cidadão crítico, compreendendo que a leitura liberta.

Entende-se que existem múltiplos tipos de letramento, e esse processo se inicia com as leituras, sejam elas escritas, por símbolos, pintura, desenhos, formas geométricas, números, etc. Fazendo o primeiro processo, que seria a compreensão do que se lê, em outras palavras 'o olhar para dentro do texto', só então passamos para a outra etapa da leitura, a qual seria a interpretação, que seria o mesmo que 'o olhar para fora do texto'. O letramento é a parte fundamental no ensino de Língua Portuguesa na educação básica, exige de quem ensina propriedades e conhecimentos de estratégias para essa ação. O papel do professor é fundamental, por isso da importância da pesquisa, buscar por novas práticas de ensino.

## **LETRAMENTO LITERÁRIO**

A partir da compreensão sobre letramento, entendemos que ele é um dos pontos principais, depois da alfabetização, no ensino de Língua Portuguesa. Com ela, o indivíduo pode entender melhor seu mundo, sua sociedade, entender a importância da coletividade e o respeito à pluralidade. Existe uma ação importante a partir das leituras, sendo a valorização do ser humano, a partir das vivências, experiências que acontecem por meio da leitura, histórias da sociedade retratadas em prosas, mesmo que esse leitor não esteja em uma situação de perigo, vulnerabilidade social, mas por meio das palavras ele pode entender e se colocar no lugar do outro. Essa realidade é apresentada por meio da literatura. Márcia Abreu, na obra "Cultura Letrada" vai nos lembrar o objetivo principal de estudar literatura, ou melhor, letrar o aluno em literatura, ela diz.

a experiência da leitura literária nos torna mais humanos, desenvolvendo nossa solidariedade, nossa capacidade de admitir a existência de outros pontos de vista além do nosso, nosso discernimento acerca da realidade social e humana (ABREU,2006, p.81).

O ensino de Literatura, como disciplina, está presente a partir do ensino médio, mas também pode se apresentar por meio dos paradidáticos nos anos finais do ensino fundamental. Também, a literatura está presente nas primeiras histórias e contos apresentados no ensino infantil. O letramento literário, segundo muitos escritores da área, como Rildo Cosson (2018), Annie Rouxel e a própria BNCC (2018) afirmam que esse ensino precisa ser presente em todas as séries e em todas as idades, todos devem ter acesso à literatura. Ressaltam a importância do texto integral, a importância da leitura em grupo, da leitura em sala de aula, e principalmente, a leitura completa das obras.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais, o que deve ser alcançado durante a intervenção escolar na vida do aluno), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. Nela estão campos específicos para a literatura, tal campo denominado “Campo Artístico-Literário” que difere na construção do ser humano na vida escolar, visando a sensibilidade por meio de critérios estéticos, trazendo a fruição, a valorização e o reconhecimento de culturas diversas.

Neste contexto, infere-se que o sistema educacional deve proporcionar ao aluno as melhores condições para que ele desenvolva a capacidade de compreensão de textos literários, comparar sua leitura (interna) com as do mundo (externa), aguçando o seu senso crítico, formando um cidadão pensante, que demonstra a empatia em qualquer situação em sociedade.

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, visa a importância da leitura em sala de aula.

A prática da leitura literária, assim como de outras linguagens, deve ser capaz também de resgatar a historicidade dos textos: produção, circulação e recepção das obras literárias, em um entrecruzamento de diálogos (entre obras, leitores, tempos históricos) (...) e seus modos de apreensão da realidade (BRASIL, 2018, p. 513).

Como também “espera-se que os leitores/fruidores possam também reconhecer na arte formas de crítica cultural e política, uma vez que *toda obra* expressa, inevitavelmente, uma visão de mundo e uma forma de conhecimento, por meio de sua construção estética” (BRASIL, 2018, p. 513, grifo meu), a importância do uso de toda obra é retomada pelos documentos.

A Professora Annie Rouxel da Universidade Montesquieu também relata a importância do texto integral em sala de aula, e não somente trechos da obra, pois, segundo ela, “O estudo de uma obra integral (...) permite descobrir, identificar e compreender os fenômenos sobre os quais serão estabelecidos conceitos e noções” (DALVI, 2012, p.154), são esses conceitos e noções que, ao decorrer do ensino da literatura, serão apresentadas aos alunos, fazendo assim mais sentido as figuras de linguagem, tempo, espaço, personagem, historicidade, política, esse aparato de detalhes com a leitura completa da obra.

Rildo Cosson disserta a importância da leitura integral em sala de aula, traz argumentos na sua escrita de outros autores, que divergem do seu

posicionamento, trazendo uma ideia contrária, que para muitos essa é 'solitária' e não precisaria que fossem manuseadas com suas turmas de ensino básico, já que o foco é o ensino de Língua Portuguesa. Ele Contra argumenta e afirma que“ (...) a leitura, de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário” (COSSON, p.27). Faz-se necessário para o ensino de literatura a leitura no ambiente escolar, pois todos podem contribuir para uma compreensão melhor a respeito do assunto tratado.

Nas orientações de OCEM (2006), temos a questão do tempo que limita o professor nos aspectos mais significativos do ensino de LP, pois a leitura de uma obra, como ele dá o exemplo de um romance, leva tempo, mas ressalta que: “(...) Trazer para a sala trechos da obra (...) e a esses dedicar uma ou mais aulas não é perder tempo, pelo contrário, é imprimir à escola outro ritmo, diferente daquele da cultura de massa, frenético e efêmero, opondo a este o ritmo mais lento do devaneio e da reflexão”(OCEM, 2006, p.78) . Seja a obra completa ou trechos que trazem significância no ensino de literatura, precisa de planejamento. Se o alvo é formar cidadãos mais humanos, façamos com dedicação.

As propostas dos documentos e autores da área de literatura assumem a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e gêneros.

Em contraponto, ainda temos um ensino de literatura pautado apenas no ensino da história da literatura brasileira, com todas as datas, escolas literárias, uma aula maçante de decorar autores e priorizarmos apenas a leitura de trechos da obra, que segundo o OCEM (2006) comenta sobre os Parâmetros Curricular Nacional (PCN), que já citava a ideia da priorização do texto, a importância da leitura completa da obra para que a literatura tenha o efeito desejado, ir além da fruição, trazer indagações, relacionar com a sociedade em que o aluno está inserido em fazer a intertextualidade com outras leituras prévias, a partir do seu conhecimento de mundo e conhecimento partilhado.

## **LETRAMENTO DIGITAL**

Falar sobre letramento digital é embarcar na busca por um conceito, em vista que com o passar dos anos foram surgindo novas práticas, tal qual, novas experiências com o uso de novas ferramentas e facilidade dos meios de comunicação e interação eletrônica/digital na sociedade.

Segundo a Ph.D. Denise B. Braga, que é professora de linguística aplicada no IEL/Unicamp, afirma que:

O letramento digital, ao lado do letramento tradicional, é tido hoje, unanimemente, como uma necessidade. (...) A inclusão digital passa a ser, portanto, um dos imperativos



dos novos tempos. Mas assim como acontece com o letramento tradicional, sua realização (principalmente em países em desenvolvimento, como o Brasil, cheios de outros problemas sociais) não é simples e demanda, antes de mais nada, políticas educacionais condizentes com a realidade. (BRAGA,2005, p. 38)

O letramento digital, segundo ela, é de suma importância, assim como o letramento tradicional, mas que também vê a dificuldade para esse tipo de letramento em sociedade, pois países como o Brasil sofrem com a desigualdade social, não munindo os seus cidadãos, ou facilitando seu acesso a esses tipos de aparelhos eletrônicos, como computador, para as práticas de letramento digital. Precisamos pensar que essa era uma realidade dos anos 2000, que iam de 2005 a 2010. Os aparelhos tecnológicos ainda estavam sendo pulverizados com facilidades para famílias de baixa renda, sem falar do acesso à internet. Ainda sobre a escrita de Braga, segundo ela:

Tendemos a desconsiderar que o uso da escrita em diferentes práticas cotidianas e escolares é fruto de um conjunto de invenções e convenções que tornaram possível a construção de um modo de comunicação que é fundamentalmente visual(...) *o uso do computador é só mais um entre os mais diversos tipos de letramento* que podemos adquirir para expandir ou facilitar algumas de nossas atividades cotidianas. (BRAGA,2005, p.06. Grifo meu)

Mostra-nos que, por meio das interações humanas de comunicação, é possível construir novas formas de comunicação, de emissão das mensagens, fazendo uso de gêneros do discurso e textuais por meio das figuras, dos gestos, dos símbolos, sinais, etc. Nesse caso, temos um ambiente que é a internet e o meio para acessá-la é o computador, e o computador exige de quem usa o letramento de suas funcionalidades, para que esse emissor consiga enviar/emitir sua mensagem ao receptor, que está do outro lado da tela. Emitir mensagem é uma atividade cotidiana e histórica. Logo, entende-se que para cada ferramenta de comunicação (aparelhos eletrônicos) temos uma forma de letramento. Com o passar dos anos a sociedade buscou entender os novos gêneros digitais que se apresentavam no seu dia-a-dia. Novas ferramentas que exigiam da antiga geração um trabalho de entender e se adaptar, em contraponto à nova geração, conhecida como geração Z, que nasce nesse ambiente, já tem facilidade e familiaridade, logo, tem a capacidade e habilidade de entender e fazer uso dos novos gêneros digitais.

Segundo SOARES (2005,p.49), “há diferentes tipos e níveis de letramento, dependendo das necessidades, das demandas do indivíduo e de seu meio, do contexto social e cultural” e com o passar dos anos, as gerações

foram se reinventando, com o avanço da ciência e tecnologia, compactando as informações. Um conteúdo que aparecia somente em computadores e que exigiam memória, hardware e software, os novos smartphones também trazem essas funcionalidades compactadas, fazendo com que as informações digitais estejam cada vez mais acessíveis a todos, dando a possibilidade da globalização e fazendo com que essas informações estejam na palma das mãos.

DALVI (2012,p.155) nos diz que“(...) hoje a comunicação digital aproxima as pessoas de forma mais rápida, encurtando distâncias com uma rapidez antes impensada”, a rapidez e facilidade que a nova era vem trazendo fazem com que o ensino de língua portuguesa se amplifique para outras esferas, vemos isso com os conteúdos disponíveis na plataforma YouTube em formato de vídeo, onde estrangeiros aprendem de forma gratuita nossa língua, conteúdos como: as sentenças semânticas, ortografia, conversação, sintaxe e a morfologia. Disponibilizados pelos internautas.

O letramento digital já é uma realidade, crianças nascidas nessa década já são oportunizadas aos conteúdos midiáticos por smartphones com facilidade, fazendo com que o ensino básico também esteja em transição, as folhas de papéis impressas estão aos poucos sendo mudadas por PDF's, não só pela facilidade, mas também pela sustentabilidade.

## **AS TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM SALA DE AULA.**

A BNCC é o documento norteador da educação básica, nela constam habilidades, competências, deveres dos alunos e professores, que vão desde a educação infantil ao ensino médio.

A BNCC contempla as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), que são os novos gêneros digitais presentes nesse novo ambiente (digital), elencados ao ensino fundamental anos finais. Ela cita os seguintes gêneros que são da cultura juvenil: vlog, fotorreportagem, detonado, podcast, slam, vídeo, playlists comentadas, fanfics, fanzines, e-zines, fanvídeos, fanclipes, posts em fanpages, trailer honesto, vídeominuto (BRASIL, 2018). Orienta ainda que para usar esses novos gêneros é preciso seguir os eixos que são a leitura, a produção de textos, o uso da oralidade e análise linguística/ semiótica.

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos (BRASIL, 2018, p. 65)

Como já citado neste artigo, a nova geração de estudantes já traz para o ambiente escolar as práticas de letramento digital, pois a maioria

desses alunos teve ou tem acesso à internet, seja pelo computador ou smartphones, foram letrados nesses novos gêneros digitais, mesmo que não entendam o conceito de letramento, fazem o uso dessas ferramentas para comunicação, interação e compartilhamento. É fato que as instituições de ensino, estão sendo impostas a multissemeioses da sociedade contemporânea, porém

(...) a escola, em seus processos educativos, não pode, por conseguinte, ignorar esse mundo tão atraente, principalmente às gerações mais jovens. Ao contrário, é importante que as TDIC sejam encaradas como ferramenta capaz de colaborar para a formação dos jovens estudantes que frequentam a escola básica (CABRAL, LIMA & ALBERT, 2019, p. 1136)

E fazer a exclusão das TDIC em sala de aula é, como diz o documento norteador, não incluir o mundo digital que, assim como no mundo real, nos apresenta diversos textos, situações que levam o indivíduo à catarse, à fruição, ao gosto pela leitura, à compreensão de mundo e à interpretação do que se lê. É negar grandes ferramentas da atualidade para ajudar no ensino da disciplina de língua portuguesa, com o objetivo de levar o aluno a uma importante reflexão linguística.

A intencionalidade do uso desses métodos mostra-se de grande relevância, pois possibilita a interação entre alunos e professores, não somente isso, mas uma rede de compartilhamento de conteúdos educativos que compõem o currículo escolar. Por meio das plataformas de comunicação atuais, sejam pelo metaverso (Facebook e Instagram), ou outras plataformas como o X (antigo Twitter), YouTube e até mesmo o Google Meet e o Zoom. Nessas plataformas temos a possibilidade de compartilhamento de conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa, que vão desde a sintaxe ao ensino de literatura.

(...) é importante que a instituição escolar se coloque como um espaço dinâmico, entre a *tradição* e a *transição*, a fim de preparar os estudantes, futuros profissionais, tanto para esse mundo digital de ritmos velozes, para as tecnologias digitais de informação e de comunicação (TDIC) e o uso adequado de suas ferramentas. (CABRAL, LIMA & ALBERT, 2019, p. 1140, grifo meu)

Há uma importância na inclusão das TDIC em sala de aula, pois é a realidade do mundo, mesmo que, segundo as pesquisadoras Ana Lucia Tinoco Cabral, Nelci Vieira de Lima e Sílvia Albert, firmam dizer que o papel da escola seja o letramento impresso, que é a compreensão dos tipos textuais e gêneros textuais já conhecidos. O letramento digital possibilita os multiletramentos e a multimodalidade, que segundo as pesquisadoras, a primeira está relacionada às múltiplas linguagens em um único texto, o

hibridismo. Há exemplos de blogs, onde se apresentam mais de três gêneros em um único texto. A escrita pode se iniciar com um texto redigido em prosa, em seguida por uma imagem, que vai complementar esse texto, pode se conectar a uma faixa de música, tudo em um único corpo textual, não que sejam acessórios para embelezar o texto, mas informações suplementares.

No que tange à multimodalidade, está relacionada a recriar textos por indivíduos, nesse caso, usuários, conforme a necessidade, pois articulam para muitos fins. Essa ação está relacionada às TDIC, pois outros usuários podem comentar sobre tais assuntos e recriar conceitos e novos textos a partir de um único. O exemplo claro é o uso de um texto que fala sobre Amazônia na disciplina de Língua Portuguesa, que vai estar relacionado não só à interpretação de texto para essa disciplina, mas para conhecimentos relacionados à disciplina de biologia.

As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) trazem possibilidades de conseguir compreender que esses textos dialogam com outras áreas da língua, as múltiplas formas dialetais no seu país a partir do multiletramento e multimodalidade, e conseqüentemente terão mais prazer em estudar os assuntos de Língua Portuguesa na escola, porque vai além da memorização de sentenças, verbos e datas de obras literárias, pois faz parte do seu meio, do seu dia a dia.

## **ESTUDOS DE CASOS**

No que concerne aos estudos de casos, são apresentadas três situações que mostram a relevância das TDIC no ensino de Língua Portuguesa, que vão desde o ensino básico ao superior. No primeiro caso, uma experiência pessoal como professor estagiário em uma escola da rede pública no ano de 2018. O segundo caso será apresentado a experiência de estudantes da graduação do curso de Teatro no período de pandemia no ano de 2020, as ferramentas digitais que utilizam para o ensino, pesquisa em coletivo e apresentação em Telepresença<sup>3</sup>. E o terceiro e último a pesquisa com alunos da rede pública das séries anos finais, que fazem o uso do *studigram* como método de ensino/aprendizagem.

Ainda na disciplina de estágio supervisionado do curso de Letras pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, com ênfase na regência em sala de aula, ministrava aula aos alunos do 2º ano do ensino médio, na Escola Estadual Coronel Pedro Câmara - CPM VIII, uma escola militar localizada na periferia da cidade, zona Oeste de Manaus-AM, no ano de 2018. Fazia o uso do gênero aula expositiva durante a regência, em um determinado momento a aluna Luiza Brandão Cavalcante me fez uma pergunta, e foi o que levou à presente pesquisa. A aluna indagava-me e perguntava: “as *fanfics*

---

<sup>3</sup> A telepresença significa “estar aqui e estar em algum outro lugar ao mesmo tempo” (SANTAELLA, 2003, p. 196) Usando a morfologia para explicar o termo, temos então o prefixo ‘tele’ que significa ‘distância’ então telepresença significa ‘presença à distância’. Logo, entende-se que a telepresença é presença, em uma qualidade diferente da presença física, mas com o mesmo sentido de presença.

que eu e meus colegas lemos se encaixam em algum gênero textual, literário ou do discurso, que o Sr. nos apresentou hoje? Naquele momento, não soube responder, porque até então não conhecia essas produções, e muito menos tinha o entendimento de que eram literárias. Após uma pesquisa, percebi que esses textos são tipos textuais narrativos, que mesclam os gêneros literários, que vão desde os minicontos a novelas, são escritos criados por fãs e que se encontravam em formato digital e de acesso gratuito, em plataformas virtuais e aplicativos para smartphones. Os mais conhecidos são 'Spirit Fanfic e Histórias' e 'Wattpad – onde as histórias ganham vida'. Qualquer usuário pode ter acesso aos textos ou criar sua própria história e publicá-las nessas plataformas, montando assim uma rede de compartilhamento. Anos depois, encontrei a aluna, hoje discente do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas - ADS, pela Faculdade Metropolitana Fametro. Resultado de uma escuta sensível em sala de aula, mostrando possibilidades de textos digitais como materiais de aprendizagem. Mostrando a essa e outros alunos do ensino básico que é possível aprender a língua, regras gramaticais, semântica e a literatura com seu meio digital.

Figura 1. Final da aula da disciplina de Língua Portuguesa no CMPM VIII.



Fonte: Arquivo pessoal. Grupo de alunos junto do professor Vitor de Lima Gonçalves.

O que difere do segundo caso, no ano de 2020, no começo da pandemia por Covid-19 no Brasil, onde tivemos que cumprir rigorosamente os protocolos de higiene e segurança emitidos pela Organização Mundial de Saúde – OMS, desencadeando o isolamento social. Professores e alunos do curso de Licenciatura e Bacharelado em Teatro da Universidade do Estado do Amazonas - UEA uniram-se para trabalhar uma nova dramaturgia de forma remota. Com pesquisas de obras da literatura brasileira, por meio da telepresença, criaram em coletivo uma dramaturgia chamada “Roque

Severino: Todo dia morre gente que antes nem vivia<sup>4</sup>. As casas dos alunos se tornaram os cenários do espetáculo e os olhos da plateia eram as câmeras dos seus celulares e computadores, tudo por meio da plataforma *Google Meet*. As cenas aconteciam simultaneamente, nada era gravado, tudo acontecia ao vivo. Usavam o recurso de Stream Yard e era transmitido no Portal Mever e, também, pulverizado no YouTube de forma gratuita, usavam o recurso do chat do próprio YouTube para comunicar-se com a plateia ao vivo, onde a plateia podia interagir e modificar algumas cenas. Foram mais de 30 pessoas no processo, desde a produção, ao núcleo de atores, diretores, preparadores corporal e vocal, todos alunos e professores on-line.

E o último caso é das pesquisadoras Ana Lucia Tinoco Cabral da USP, Nelci Vieira de Lima e Sílvia Albert da UNICSUL, que trazem em seu artigo<sup>5</sup> um estudo sobre o *studigram*, que é um perfil temático da rede social *Instagram*. Ao realizar a pesquisa, percebeu-se que a maioria dos usuários, que consumiam os conteúdos do perfil temático, eram estudantes de séries anos finais do ensino fundamental. O *studigram* é uma forma de compartilhamento que estudantes encontram para publicar seus resumos, mapas mentais, caligrafia, organização, textos criativos sobre diversos conteúdos do ensino básico, como a própria disciplina de língua portuguesa, onde há exemplos de gêneros textuais. De forma artística, transitam entre o digital e o impresso, com conteúdos que são, primeiramente, confeccionados a mãos, em folha de papel em branco, com tinta, canetas, caneta hidrográfica, colorem o conteúdo, depois são fotografados e, após isso, publicados na plataforma, criam legendas criativas e colocam as hashtags que vão direcionar o usuário a essa grande rede de compartilhamento que é o *studigram*. A interação dos usuários é vista por meio dos comentários nas publicações e curtidas.

O que há de comum entre os três casos apresentados? São o uso das TDIC como prática libertadora de ensino e compartilhamento de conhecimento. Uma na esfera presencial, a segunda por meio da telepresença e a terceira e última de forma híbrida, por meios eletrônicos e circunstâncias diferentes, mas com o mesmo objetivo, o ensino aprendizagem através do uso das tecnologias. No que tange à realidade dos alunos do ensino básico nascidos na geração Z, vemos a habilidade de lidar com os gêneros digitais presentes no ambiente virtual com facilidade. E estudantes de graduação que mudaram seu ambiente de estudo para encontros em telepresença, moldando-se à nova realidade do mundo.

---

<sup>4</sup> Saiba mais sobre o processo dos estudantes da UEA em telepresença, a partir da página 152. Acesse Teatro do oprimido e universidade: experiências pedagógico-artivista e(m) redes para esperançar, volume II / organização Antonia Pereira Bezerra ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Mundo Contemporâneo, 2021 Disponível em: [http://www.ppgac.tea.ufba.br/wp-content/uploads/2021/06/9786586290165\\_livroTO\\_final.pdf](http://www.ppgac.tea.ufba.br/wp-content/uploads/2021/06/9786586290165_livroTO_final.pdf). Acesso em 10 de abril de 2022.

<sup>5</sup> Saiba mais sobre o estudo do caso studigram. Acesse o trabalho em Linguística Aplicada, Volume: 58, Número: 3, publicado: 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/mxWFFT69DCSj5nvZYCV7PhM/abstract/?lang=pt#>. Acesso em 20 de abril de 2022.

## **APLICANDO AS TDIC NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.**

E com base no texto de Léa Anastasiou, *Estratégias de Ensino*, que faremos nossas abordagens e técnicas para ensinar, nesse caso, a prática do ensino de LP. Para entendermos o que é uma estratégia no ensino e como usá-la, vemos em seu livro, a delimitação dos termos de estratégias, técnica e dinâmica, como se uma completasse a outra. Segundo ela,

exigem-se por parte de quem a utiliza criatividade, percepção aguçada, vivência pessoal profunda e renovadora, além da capacidade de pôr em prática uma idéia valendo-se da faculdade de dominar o objeto do trabalho. (ANASTASIOU, 2000, p.52)

A luz da citação acima nos remete a um domínio de ações e bagagem de vivência que todo professor deve ter. Exige criatividade na abordagem dos assuntos de sua disciplina, percepção de entender o processo de aprendizagem do aluno, que cada um tem seu ritmo para esse processo e que haverá dificuldades para a compreensão dos assuntos, práticas inovadoras para uma nova forma de ensinar, não esquecendo que devemos ter domínio do assunto que será abordado.

Aplica-se nessa proposta didática o gênero literário miniconto, recompondo metodologias com o auxílio das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) em sala de aula. Será realizada em seis aulas, e envolverá os alunos do 9.º ano do Ensino Fundamental no ensino de gêneros textuais. Para isso, usaremos seis minicontos de temáticas distintas. Para a concretização deste trabalho, foi usado ARAÚJO (2013), que aborda a sequência didática, cujo propósito é envolver os alunos em práticas de letramento. Como recurso didático, o professor pode trabalhar o letramento com a utilização da sequência didática, composta por: apresentação da situação; produção inicial; módulos; e produção final. Portanto, iremos utilizar o modelo de sequência didática proposta por ARAÚJO (2013) no gênero textual miniconto.

<b>Informações iniciais</b>	
Série/Ano:	9º ano do Ensino Fundamental, anos finais.
Objetivo:	apreciar a leitura de miniconto; refletir sobre a organização e a linguagem de textos literários e recursos expressivos empregados em miniconto; criação de minicontos e publicação nas redes sociais.
Gênero:	Miniconto.
Assunto transversal:	Gênero literário de Internet
Assunto de linguagens:	coesão, prosódia, denotação e conotação.

**\*Tabela organizacional e informações de sequência didática.**

Conforme ARAÚJO (2013, p. 2), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) afirmam que a “sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” Ainda segundo Araújo (2013, p. 3) não é interessante propor avaliações diagnósticas quando os alunos não têm conhecimento sobre o gênero textual. Partindo desta premissa, como atividade de predição, será levantado um questionamento que indagará *se é possível escrever contos na internet, utilizando no máximo 280 caracteres*. A resposta será pessoal. Posteriormente serão apresentados e lidos os minicontos abaixo para fruição:

**Fumaça**

Olhou a casa, o ipê florido.  
Tudo para ela.

Suspendeu a mala e foi.

BRITO, Ronaldo Correia de. Fumaça. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 183.

**Só**

Se eu soubesse o que procuro  
com esse controle remoto...

BONASSI, Fernando. Só. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 73.



### Avareza

Seu João, sexagenário, passou a vida trabalhando e juntando bens. Às vésperas de se aposentar sofreu um infarto. Morreu com as mãos fechadas e o coração vazio.

SACOLINHA. Avareza. *Sacola graduado*, 1ª nov. 2017. Disponível em: <<https://sacolagradoado.blogspot.com/2017/11/miniconto.html>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

### No embalo da rede

Vou,  
mas levo as crianças.

LOPES, Carlos Herculano. No embalo da rede. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 41.

### Assim:

Ele jurou amor eterno.  
E me encheu de filhos.  
E sumiu por aí.

RUFFATO, Luiz. Assim. In: FREIRE, Marcelino (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004. p. 117.

### A Tartaruga encantada

Nunca houve um tempo em mim que quisesse ser príncipe herdeiro de um reino, ou de possuir castelos com talheres famintos de cristais, masmorras e calabouços para princesas e bruxos sem magia.

Dormindo durante muito tempo, dormindo no chão frio, ou no sofá da sala, a tartaruga era o bicho mais encantado que havia no meu bairro: ela era a única com seu próprio quarto.

Nesse tempo sem fada madrinha e que toda maçã parecia envenenada, desgraçadamente, somente um bicho tinha casa própria pra morar.

E assim, como num passe de mágica, muitos de nós foram infelizes para sempre.

VAZ, Sérgio. A Tartaruga encantada. *Colecionador de pedras*, 23 nov. 2009. Disponível em: <<http://coleccionadordepedras1.blogspot.com/2009/11/mini-conto.html>>. Acesso em: 8 ago. 2018.

Para finalizar, será explicado que, por serem compactos, mas cheios de sentidos, os minicontos são produzidos para circularem em comentários de redes sociais que possuem limites máximos de caracteres como: Instagram, X (Twitter) e Facebook, entre outros.

Neste ponto, será explanada a estrutura do miniconto. Nesse sentido, Delmanto e Carvalho (2018, p.32) afirmam que estudiosos estabelecem limites exatos de caracteres para os minicontos. Deste modo, os minicontos recebem algumas classificações: nanocontos possuem até 50 letras, sem contar espaços e acentos; microcontos contêm até 150 toques, contando letras, espaços e pontuação; e alguns minicontos são estipulados em 300 palavras, outros em 600 caracteres.

Após a aula expositiva mostrando na prática os textos midiáticos e literários, partiremos para os módulos, conforme ARAÚJO (2013, p. 2), “os módulos (...) são constituídos de várias atividades ou exercícios sistemáticos e progressivos que permitem aos alunos apreenderem as características temáticas, estilísticas e composicionais do gênero alvo do estudo”. A partir disso, a presente sequência será dividida em dois módulos: “Explorando o Texto” e o segundo será chamado “Trabalhando os recursos expressivos”.

O primeiro módulo será retomado a leitura dos minicontos para que os alunos fruam a leitura e desenvolvam a capacidade de interagir com textos que exigem contribuição do leitor no processo de construção dos sentidos. Desse modo, será pedido que os leiam e reflitam sobre eles, pois se tratam de textos concisos. Será solicitada a leitura silenciosa e, depois, uma leitura expressiva em voz alta, que será realizada por diferentes alunos.

Posteriormente será desenvolvida uma atividade com os alunos que trabalharão as características gerais dos minicontos, na qual eles relacionaram o miniconto à categoria em que se encaixa, demonstrando que ‘Assim’ e ‘Fumaça’ são microcontos, ‘Avareza’ e ‘A Tartaruga encantada’ são minicontos, e que ‘No Embalo da Rede’ e ‘Só’ são nanocontos. Depois, a atividade envolverá estratégias e procedimentos de leitura tais como “localizar/recuperar informação; inferir ou deduzir informações implícitas; inferir ou deduzir, pelo contexto semântico ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas” (BNCC, p, 72), e serão trabalhadas em trios permitindo discussões que podem aprofundar a leitura dos alunos dos textos selecionados. Nesta atividade, será pedido que os alunos observem os títulos dos minicontos e tentem explicar se os títulos condensam informações importantes para a compreensão dos minicontos. Em seguida, o professor complementar as respostas afirmando que, segundo Delmanto e Carvalho (2018), parte dos títulos dos minicontos funcionam como uma cena a mais da narrativa, diferente dos outros contos, nos quais os títulos têm a função principal de sintetizar o enredo. Logo depois, será feita uma aula expositiva, apontando nos contos alguns elementos da narrativa, afirmando que no poema “Só”, por exemplo, o controle remoto remete ao ambiente em que se passa a narrativa e que o narrador não diz no miniconto de qual aparelho eletrônico é o controle remoto, mas podemos inferir isso do texto.

Nessa perspectiva, será trabalhada a habilidade EF69LP47 da (BNCC, p. 159) que propõe “analisar, em textos narrativos ficcionais, (...) a escolha lexical típica de cada gênero para a caracterização dos cenários e dos personagens (...), identificando o enredo e o foco narrativo e percebendo como se estrutura a narrativa nos diferentes gêneros e os efeitos de sentido decorrentes”, entre outros.

Passaremos para o segundo módulo, intitulado “Trabalhando os recursos expressivos”, onde serão trabalhados os recursos, como já ditos, expressivos no miniconto que atenderá a habilidade EF69LP54 da (BNCC, p. 161) que pretende “analisar os efeitos de sentido (...) do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, (...) personificação (...) e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (...), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo”.

Primeiramente, será destacado no texto *A Tartaruga Encantada* o fragmento [...] *a tartaruga era o bicho mais encantado que havia no meu bairro: ela era a única com seu próprio quarto*, e no texto “Assim.” o seu título

e o fragmento *Ele jurou amor eterno*, em seguida, será pedido aos alunos que tentem explicar qual efeito o uso dos dois-pontos causa nesses trechos. Após, o professor explorará o assunto explicando que os dois-pontos, no primeiro fragmento, apresentam uma explicação ou esclarecimento; no segundo, contribuem para a concisão pretendida pelo autor do miniconto à medida que sintetizam e introduzem uma rápida explicação sobre um fato, trabalhando, assim, a prosódia. Depois, será lido e destacado no texto *Avareza* o fragmento “Morreu com as mãos fechadas e o coração vazio”, em seguida será pedido para os alunos tentarem explicar os sentidos atribuídos à frase final do miniconto. Posteriormente, o professor explicará que o final do miniconto admite duas leituras: uma no sentido conotativo e outra no sentido denotativo: no sentido denotativo, refere-se à posição do morto de punhos cerrados e com algum problema no coração. No sentido conotativo, o personagem morreu avarento e sozinho, em seguida lembrará que o sentido denotativo é o comum da palavra. O sentido conotativo é um novo sentido que as palavras ou expressões adquirem em determinadas situações de uso. Desse modo será trabalhada a denotação e a conotação, diretamente, no texto.

Para continuar, serão trabalhados os recursos expressivos: conectivos, verbos e figuras de linguagem a partir de uma análise linguística juntamente com o professor. Primeiramente será pedido aos alunos que releiam o miniconto *‘Fumaça’* e observem os verbos utilizados usados, após o professor explicará que no terceiro verso temos um período composto e as orações coordenadas estabelecem entre si uma relação de soma, e essa relação se dá pela conjunção *e*. Em seguida, será apontado aos alunos, a partir do texto *‘No Embalo da Rede’*, a quantidade de ações, que são duas, e que estas ações são expressas pelos verbos *ir* e *levar*. Aproveitando a explicação anterior, o professor explicará que as ações verbais estão ligadas pelo conectivo, *mas* e que este conectivo foi utilizado, no texto, com duplo sentido, podendo ser usado no sentido adversativo, indicando oposição, e aditivo, indicando soma.

Para finalizar o módulo, serão trabalhadas as figuras de linguagem no miniconto *‘A Tartaruga Encantada’*. Será explanado que no miniconto, além do animal que é aproximado explicitamente da condição humana, outros termos ganham vida por meio de figuras de linguagem. Posteriormente, serão selecionadas, em fragmentos do texto, as figuras de linguagem para exemplificar: no fragmento [...] *possuir castelos com **talheres famintos de cristais, masmorras e calabouços*** a figura em negrito trata-se de *personificação*, entre outros.

E para a etapa final do projeto com as TDIC, os alunos exercitarão a escrita produzindo um miniconto na rede social Twitter, com os limites de caracteres. Desse modo, será trabalhada a habilidade EF69LP51 da (BNCC, p. 159) que propõe “engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/ edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as

configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades, etc. – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário”. Como também a habilidade EF89LP35 da (BNCC, p. 187) que recomenda “criar contos (...), minicontos, (...) usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos (...)”. Para isso, será apresentado ao aluno um planejamento para orientar sua produção. Este planejamento será composto de orientações tais como: comecem com uma ideia simples; evitem apresentar detalhes; reduzam o número de palavras; utilize poucas linhas, entre outras.

Suas publicações poderão partir para um perfil temático no Facebook, criado pelos próprios alunos. Ao dividir a turma em grupos, escolhemos o que cada grupo usará como ferramenta de pulverização. Podem usar o recurso das Lives no Instagram ou Facebook, poderão criar *post* e pedir que comentem para haver interação dos outros colegas.

## **CONSIDERAÇÕES EM PROCESSO**

Como apresentado no artigo, estudos de casos nas esferas do letramento digital, percebemos que a importância da inclusão das TDIC nas práticas pedagógicas emerge como uma necessidade premente, dada a realidade dos alunos da geração Z que, embora familiarizados com o ambiente digital, frequentemente enfrentam dificuldades na leitura e interpretação de textos impressos.

É fundamental reconhecer que o letramento não se limita à mera decodificação de palavras, mas envolve uma compreensão crítica e reflexiva do texto em relação ao mundo. Essa abordagem é corroborada por diversos teóricos, como Magda Soares e Rildo Cosson, que enfatizam a importância de um ensino que promova a fruição literária e a análise crítica das diversas formas de texto que permeiam a vida dos alunos.

Os dados alarmantes sobre a alfabetização funcional no Brasil, conforme revelado pela pesquisa do INAF de 2018, evidenciam a urgência em repensar as estratégias de ensino. A transição dos alunos dos anos iniciais para os anos finais do ensino fundamental é um momento crítico, onde muitos não demonstram o domínio esperado em leitura e interpretação. Tal situação é muitas vezes exacerbada por fatores sociais e familiares que influenciam o contato das crianças com a leitura desde a infância.

Neste sentido, o papel do professor se torna crucial. É necessário que os educadores busquem constantemente novas práticas de ensino que integrem o letramento literário e digital, promovendo um ambiente de aprendizado que valorize a diversidade de gêneros textuais e a capacidade de reflexão crítica. A leitura integral de obras literárias, por exemplo, é uma prática que deve ser incentivada, pois permite ao aluno não apenas compreender o texto, mas também estabelecer conexões com sua realidade social e cultural.

Por fim, este artigo visa não apenas discutir a teoria do letramento, mas também oferecer diretrizes práticas que possam ser implementadas em sala de aula, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e reflexivos. A educação deve ser um espaço de transformação, onde o letramento se torna uma ferramenta de empoderamento e liberdade, capacitando os alunos a navegar e interpretar a complexidade do mundo contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ANASTASOU, L. G. **Desafios de um processo de profissionalização contínua: elementos da teoria e da prática**. Revista saberes, UNERRJ, ano 1, v.1, maio/agos2000

ARAÚJO, Denise Lino de. **O que é (e como faz) sequência didática?** Fortaleza: Entrepalavras, 2013.

BRAGA, Denise B. **Linguagem e letramento em foco: Letramento e tecnologia**. 1 ed. São Paulo, Cefiel/IEL/Unicamp, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Governo Federal. **Base Nacional Curricular Comum: BNCC-APRESENTAÇÃO**. Disponível em: Acesso em: 17 de setembro de 2022.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: SEB/MEC, 2006. Disponível: <http://www.letras.ufmg.br/profs/reinildes/dados/arquivos/ocem.pdf>

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco, LIMA, Nelci Vieira de, ALBERT, Sílvia. **TDIC na educação básica: perspectivas e desafios para as práticas de ensino da escrita**. Trabalhos em linguística aplicada., Campinas, n(58,3), p1134-1163, set/dez, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/mxWFFT69DCSj5nvZYCv7PhM/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 18 de abril de 2022.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. L. ed, 7ª reimpressão, São Paulo: Contexto, 2018.

DALVI, M. A. *et al.* **Leitura de literatura na Escola**. 1 ed. São Paulo, SP: Parábola, 2013.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros – 3**. Ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.